

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira.

CANCIONEIRO POPULAR DO BAI- XO-ALEMTEJO

ORGANISADO POR
DIAS NUNES

(continuação)

CCCXLIII

Vou-me cantar 'ma cantiga,
Já não canto senão esta;
O pouco parece bem,
Tudo o que é de mais não presta.

CCCXLIV

Um olhar ardente e meigo
Falla muito ao coração.
Diz amor e diz tornura,
Diz desejo e diz paixão.

CCCXLV

Quem quizer saber a causa
Da minha infeliz paixão,
Repare bem em meus olhos
Que elles mesmos lh'o dirão.

CCCXLVI

Quem não ama e não adora,
Vivo está na sepultura;
Só amando é que se vive:
Sem amor não ha ventura.

CCCXLVII

Quatro ruas ha em Serpa
Que se podem passear:
Rua Larga, rua Estreita,
Porta nova e Boninal.

CCCXLVIII

Quando passas pela rua
Escarras e bates no chão.
Eu estou dentro de casa,
Não sei se passas, se não.

CCCXLIX

Dei um nó na fita verde,
Desatci-o á candeia.
Já hoje vi meu amor,
Já posso passar sem ceia.

CCCL

Dos breves gosos do mundo
Já nenhum para mim presta.
Do que gosei n'outra hora
Só a saudade me resta.

CCCLI

D'Aldeia nova, S. Bento;
De Pias, Santa Luzia;
De Brinches, Consolação;
De Serpa, Santa Maria.

(continúa)



PARA QUEM CANTOU O CUCO?

Dá-se como origem de este ane-
xim a seguinte velha anecdota:

Dois vizinhos ouviram cantar o
cuco e tomaram como agouro que
era signal de infidelidade de suas
mulheres.

Disse um:

—O cuco cantou mas foi para ti.

—Nada, isso não pode ser. Para
ti é que elle cantou.

Pegam de teimar e como ne-
nhum cedia, resolveram ir consultar
um letrado. Chegaram lá; o letrado
ouviu-os, e depois de botar a livra-
ria abaixo, disse:

—Deposite cada um dois pintos,
antes de tudo.

Os vizinhos entregaram o di-
nheiro ao letrado, anciosos de ouvi-
rem a sua sorte; e depois que elle
metteu os pintos na algibeira, fran-
ziu o semblante, e disse:

—Vão embora na paz do Se-
nhor, porque para mim é que can-
tou o cuco.



SUPERSTIÇÕES POPULARES

Sonhar com laranjas é signal de gosto.

Para se saber se uma mulher grávida dará á luz um rapaz ou uma rapariga, faz-se uma bola de estopa e deita-se-lhe o fogo sobre uma superficie, que seja horizontal. Se depois da estopa arder, a cinza dá um tombo, é rapaz; se não dá, é rapariga.

Quando uma criança chora dentro da barriga da mãe, é signal de que hade ser muito feliz, mas não hade a mãe dizer nada antes dos sete annos.

Passar um ovo quente, apenas acaba de ser pôsto, pelos olhos, tem a virtude de acclarar a vista.

Para sabermos se seremos felizes em uma casa devemos contar as taboas do tecto, dizendo: ouro, prata, cobre, nada, e assim por diante até chegar á ultima; o nome que a esta couber designará a nossa fortuna.

Por este Minho, quem tem verrugas e quer ficar livre d'ellas bate á porta de algum desconhecido ou pouco affeçoado, e, ao perguntarem-lhe quem é, responde;

Verrugas trago,
Verrugas vendo;
Aqui as deixo
E vou correndo.

E, sem esperar, fuge, senão leva pancada do dono da casa, que ficou com verrugas.

Quando na beira do telhado de uma casa ha ninhos de andorinhas e alguém os desmancha é signal de que se desmancha a casa, porque o ninho de andorinha è sagrado e traz felicidade á casa onde está.

A primeira segunda feira de abril e a primeira de novembro são os dois dias mais aziagos do anno.

E' muito mau torcer linhas nas sextas-feiras de quaresma.

Quem canta antes de almoço, não chega ao sol posto.

Quando uma vacca está a berrar, as pessoas solteiras devem logo metter as mãos na algibeira, que é para casarem cedo.

Não se deve deitar agua fóra, depois que toca às Ave-Marias, porque pode dar algum ar mau na agua e fazer mal á pessoa que se lavou n'ella.

PORTUGUEZ VELHO

Origem de varias locuções, adagios e auxins.

Menos lobos, compadre

Deriva este anexim de um velho conto popular, do que o jornal «Novidades» deu ultimamente a seguinte versão:

«—Ai, comadre, que ainda não estou em mim. Eram cincoenta lobos, com os olhos, que pareciam archotes, e a tocarem castanholas com os dentes, que pareciam estarem já a rilhar-me os ossos.

—O' compadrel Lá me parecem lobos de mais. Tanto lobo junto não consta que tenham apparecido por cá ou nos Brazis.

—Cincoenta não seriam; mas não eram menos de quarenta. E la que elles tinham os olhos como archotes e os dentes a tocarem castanhas, isso é tão verdade como estarmos aqui.

—Homem; tu não viste bem. Quarenta lobos, não pôde ser.

—Pois não seriam; mas eram trinta.

—Nem trinta. Tu estavas com medo.

—Medo, eu?! E' que o caso não era para menos. Se te parece... vinte lobos, a tocarem castanhas.

—Qual vintel

—Não faço questão. Eram dez. Mas tinham os olhos como carvões acceos.

—Nem dez, nem um. Aqui não ha lobos, que o povoado é grande e bem guardado.

—Ail Lá vem um! Vê como toca as castanhas!

—Grande besta! Aquelle lobo é o Mondego, o meu cão da quinta.

No tempo dos Mouros

O povo portuguez representa a antiguidade pela phrase genérica—«o tempo dos Mouros», ignorando completamente o facto historico da occupação dos arabes. Os vestigios pre-historicos da península são referidos pelo povo ao elemento mauresco. Diz Gabriel Pereira: «O Dolmen é chamado pelos povos vizinhos (da Villa do Redondo) «a casa da Moira», designação vulgar entre nós para indicar velhas construcções não portuguezas que sejam arabes, romanas, celticas ou absolutamente pre-historicas; por isso que foram os agarenos os últimos dominadores de raça diversa. E' facto analogo ao que se passa na Allemanha e Scandinavia, onde todos os velhos edificios não nacionaes são attribuidos aos hunnos e aos finicos, tal foi a impressão, que estes povos de outros costumes, outra raça e de outro aspecto gravaram na mente do povo aryano.

Velho como a Serpe

Nas lendas da idade media as cheias dos rios ou as inundações embaraçadas por certos Santos que foram substituidos ao Sol, foram symbolisadas por serpentes ou Dragões representados com subjugados ou vencidos por estes Santos. Entre os Dragões symbolicos nota-se por exemplo a «Chair salée», de Troyes, o «Dragon de Saint Marcel», em Paris, a «Gargonille de Saint Romain» em Rouen, os quaes são symbols das inundações do Sena. Taes são a «Kraulla» em Reims, sobre o Vesle, o «Dragon de Saint Bienhemô», em Vendome sobre o Loire, a «Grande Guelle», ou a «Bonne Saint Vermine» em Poitiers, na confluente do Clain e da Boime, a «Grouille», em Metz sobre o Mozelle, e a «Tarasque» em Tarascon sobre o Rhone. («Les Gêtes, p. 252). Deste emblema da «Serpente», empregado na procissão de Corpus, vem o dictado «Velho como a Serpe»

Tal concelho tal campana

Em uma canção do «Cancioneiro da Vaticana» acha-se este verso que resume a lucta da independencia local contra a invsaão da jurisdicção real: «Tal concelho tal campana». Um anexam hispanol esclarece o sentido social d'este verso. D. Joaquim Costa, na obra «Poesia popular espanola», p. 48, traz:

Canizar e Villarejo

«Gran campana y ruin concejo.

O romper da Aurora. A' bocca da noite. O olho do sol

Nas locuções vulgares existem elementos dos mythos primitivos, cuja importancia só se nos revela pelo processo comparativo. A Aurora é representada como uma Donzella «congelada por um Dragão», ou a Noite, como se observa dos mythos de Andromeda, de Hesione, de Santa Margarida, do qual vem a ser libertadas por um heroe, ou ellas mesmas é que rasgam o ventre do monstro. Tylo diz que se reconhece no conto do «Petit chaperon rouge» o mytho do sol crescente e do sol no occaso, isto é

da Aurora matutina e da Aurora vespertina. Na linguagem popular diz-se «romper da Aurora», e de facto o rompimento deriva de uma concepção mythica primitiva; diz Tylor: «Os christãos representavam voluntariamente Hades como um monstro que engolia os homens na morte. Tomemos exemplos pertencentes a diversos periodos: o Evangelho apocripo de Nicodemus, na narrativa da descida aos Infernos, faz fallar Hades como uma pessoa queixando-se de dores no ventre quando o Salvador se prepara para descer e dar a liberdade aos santos retidos prisioneiros desde o começo do mundo. Na Era media, quando se queria pintar esta libertação, chamava-se-lhe o «rasgamento do inferno»...». Esta prisão das trevas, ou a noite, é o thema mythico conservado na locução do «romper da aurora», a qual se completa por outro vestigio do mesmo mytho conservado na locução á «bocca da Noite». Aqui a versão, é o começo das trindades que, como o dragão, abre a bocca para engulir a donzella; sobre este ponto diz Tylor: «Por toda a parte, onde a noi-

te e Hades se personificam em um mytho, pode esperar-se o encontrar concepções taes como aquella que exprime a palavra ranskrita que significa a noite, sajanimukha, isto é, «bocca da noite».

Tambem os Scandinavos fallam de Hell, a deusa da morte, que abre a garganta como faz seu irmão Fenrir, o lobo devorante da luz; e uma velha poesia allemã representa-nos o abysmo de Hell, que bocejando-se abre do céu á terra». Temos ainda uma outra locução, «o olho do sol», para significar a acção intensa do seu calor ou luz; Tylor acha esta metaphora solar em povos selvagens, «Mataari (o olho do dia) em Sumatra e Java e «Maso andro», com o mesmo sentido em Madagascar; na Nova Zelandia o mytho torna-se completo, sendo o sol o olho de Mani, e entre os Arias é «Chakshuh Mitrasya,» o olho de Mitra, ou o «olho de Jupiter», como lhe chamavam os antigos romanos, como o refere Macrobio.

(Continúa)

FIM DO ANNO XIII

